PODCAST ALÉM DA TERRA VERMELHA

A região da Missões na podosfera

Larissa Pereira **Burchard**[i]
Sara Alves **Feitosa**[ii]

Quem sou?

Meu nome é “Além da terra vermelha” e eu sou um podcast narrativo e jornalístico que conta histórias de personagens anônimos da região das Missões, interior do Rio Grande do Sul. A ideia principal é fazer com que as histórias cotidianas de pessoas da região possam ser contadas de maneira instigante, relacionadas com fatos nacionais e mundiais, e com potencial de gerar identificação dos moradores com os episódios. Quem me criou foi a Larissa Burchard, jornalista e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), com orientação da professora Sara Alves Feitosa.

A minha primeira temporada “Em busca de terra firme” conta histórias de imigrantes no interior do Rio Grande do Sul, mas não os típicos como alemães e italianos, e sim aqueles que fazem parte do cenário e das discussões atuais sobre imigração e refugiados. A primeira temporada traz as histórias de Naila Baja, 49 anos e descendente de árabes; Sérgio Ridoré, 37 anos, imigrante haitiano; e Abdoul Aziz, 30, imigrante do Senegal.

Por ser um podcast com histórias cotidianas e conteúdos informativos, tenho como objetivo trazer narrativas diferenciadas que envolvam e informem os ouvintes. A motivação de produzir esses conteúdos veio da carência de produções jornalísticas voltadas para o interior do Rio Grande do Sul, principalmente a região das Missões que abrange a parte noroeste do estado[iii]. Além da falta de cobertura, as produções acabam por ressaltar pontos já conhecidos dessa região como o nativismo e a produção agropecuária. Assim, o meu nome "Além da terra vermelha" remete aquilo que é mais profundo que a superfície do planalto arenito-basáltico[iv], a terra vermelha, que suja os sapatos e embarra as calçadas. São relatos de vidas que por mais comuns que possam parecer são extraordinárias e de alguma forma se ligam ao que acontece ao redor do mundo.

O que eu posso lhe dizer é que como um podcast eu sou bem comunicativo, mas não só isso, também sou prático e acessível. Para acessar os conteúdos que tenho basta ter internet para baixar os episódios. Embora seja uma narrativa em série, os episódios podem ser consumidos independente, portanto caso você queira escutar apenas um dos episódios, pode fazer isso tranquilamente porque não há necessidade de escutar os outros para entender um. Os temas que apresento são relativos a editoria de Sociedade, portanto podem ser sobre política, economia, meio ambiente, comportamento.

Os objetivos que rodeiam as minhas produções envolvem inovar na linguagem, promover a cultura e criar comunidades. Experimentar a inovação na linguagem jornalística que apresento propõe trazer narrativas diferenciadas no jornalismo especializado e assim ser um protótipo de podcast inovador na área. Promover a cultura compreende o compartilhamento de histórias das pessoas da região, trazendo uma outra visão sobre as vidas locais com três episódios de até 30 minutos. Criar comunidades faz parte de um processo que busca ter uma identificação dos moradores da região comigo e tem como indicador estar em diferentes plataformas.
Eu fui produzido com técnicas jornalísticas de apuração, pesquisa, entrevistas, roteirização e edição. Meus episódios estão disponíveis nas plataformas de áudio *on demand* Anchor,

Spotify, SoundCloud e Apple podcast. Além disso, para melhorar o meu desenvolvimento, minha criadora, Larissa Burchard, fez uma pesquisa de opinião com moradores de São Borja sobre o primeiro episódio que conta a história de Naila.

Qual meu desafio?

Meu desafio é trazer uma inovação para o jornalismo local que desde a transformação tecnológica nos anos 1990 com a digitalização das redações e a crise econômica em 2007 presencia um declínio no modelo de financiamento baseado em venda de publicidade. Com esse contexto, o negócio de jornalismo entra em crise, os jornais perdem seu monopólio de informação, o público tem acesso às ferramentas de produção e os conteúdos em multiplataforma sobrecarregam os jornalistas que se veem obrigados a serem multifuncionais[v].

A inovação no jornalismo chega como uma forma de enfrentar essa crise que resulta em demissões em massa e fechamento de grandes redações. Entendemos a inovação como qualquer mudança feita desde as técnicas até nas linguagens utilizadas no jornalismo que busquem potencializar a produção jornalística[vi]. Como um podcast, eu inovo no modo de trazer os conteúdos, experimentando as linguagens sonoras possíveis para contar as histórias com princípios jornalísticos. Os conteúdos que trago nos episódios fazem parte do jornalismo especializado, especificamente a editoria de Sociedade.

Vamos pensar assim: quando a internet chegou as possibilidades e os acessos aos conteúdos diversificados ficaram maiores, assim como as mídias como blogs, jornais digitais e vídeos também cresceram. Já imaginou a quantidade de informação que isso gera? Quais seriam as consequências? As pessoas começaram a ter mais opções voltadas para aquilo que eles gostam, e o jornalismo que em sua maioria é voltado para grandes audiências acabou perdendo seu espaço. O público busca conteúdos mais relacionados ao seu perfil, os

consumidores agora pode também produzir aquilo que mais se identifica. Os conteúdos agora são cada vez mais personalizados.

Nesse cenário, tento trazer uma forma diferenciada de jornalismo narrativo em uma mídia digital e segmentada. Assim, não faço um jornalismo voltado para uma grande audiência, mas sim para pessoas que gostam de escutar boas histórias e ainda se informar. Dessa forma, produtos personalizados podem se tornar um modo de enfrentar essa crise no mercado jornalístico. Sou um dispositivo com potencial jornalístico inovador para a região.

O que fiz?

A identidade visual foi uma das primeiras etapas da minha criação. Quem fez foi o estudante de Publicidade e Propaganda da Unipampa Gregório Avanzi. Trazendo aspectos da região como o pôr-do-sol amarelado, cercas do interior e o canário da terra, a marca busca uma identificação dos moradores do interior comigo. Porém, a ideia também procura causar curiosidade para aqueles que não fazem parte da região.

Imagem 01 – Marca do podcast

Fonte: Gregório Avanzi

Abaixo da cerca está a linha que representa a terra vermelha. A marca foi feita pensando na aplicabilidade em diferentes fundos como fotografias para que fosse prática na hora de produzir as imagens para as redes sociais. Com a utilização do programa de edição Adobe Photoshop CC 2015, as imagens de divulgação foram criadas para serem utilizadas nas plataformas digitais e na página do projeto no Facebook. Nas letras as fontes usadas foram *Alehouse Sans* e *Ink Free Regular.* Para explicar melhor, a *Alehouse* possui uma estrutura mais larga e destacada que lembra madeira, enquanto *Ink* retoma uma caligrafia, como se alguém tivesse escrito.

Imagem 02 – Capa do Facebook

Fonte: Podcast - Além da terra vermelha

Imagem 03 – Foto de divulgação

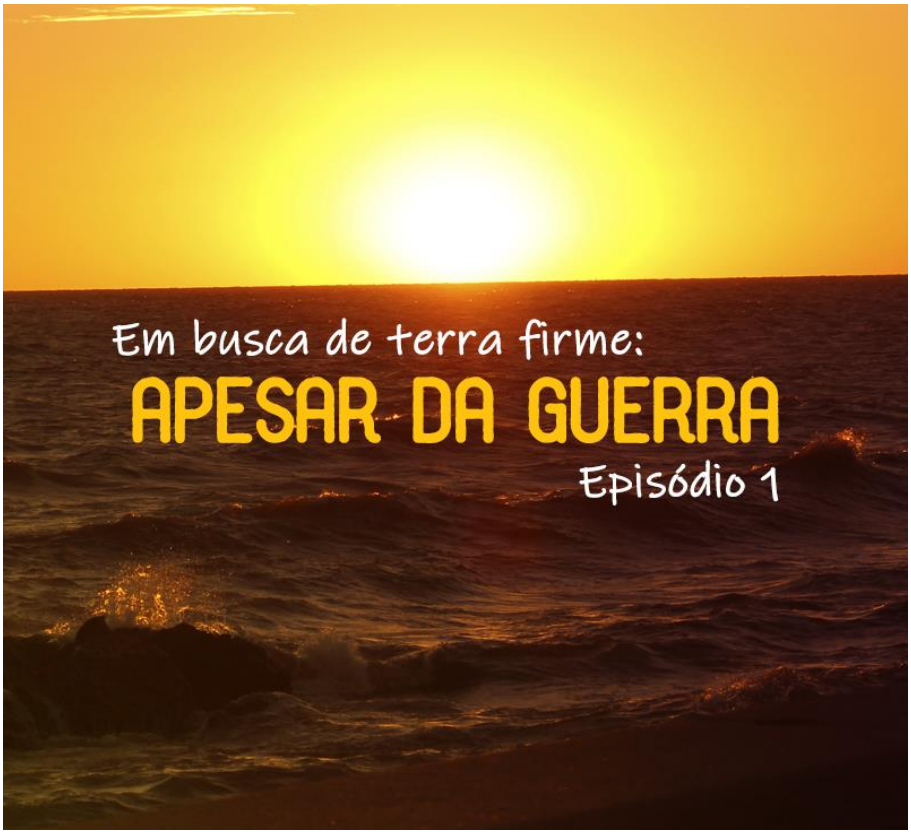
Fonte: Podcast - Além da terra vermelha

Parte-se então para a seleção das fontes. Me propus a produzir uma temporada de três episódios com imigrantes que vieram para a região das Missões. As histórias se relacionam com a leva de refugiados vindos de países como Venezuela e Síria, discussão internacional atual. Com apuração jornalística a primeira fonte entrevistada foi Naila Baja, 49 anos, descendente de imigrantes palestinos. Naila morou em diferentes cidades no Rio Grande do Sul, inclusive nas Missões, e atualmente reside em Porto Alegre, porém uma parte de sua vida ela viveu em Beitunia, em Ramallah na Palestina. Como estava distante, a entrevista com ela foi feita via o aplicativo de mensagem *Whatsapp* com envio de mensagens em áudios. Foram perguntas sobre como foi viver entre duas culturas, a da Palestina e a do Brasil, e sua experiência vivendo perto dos conflitos no Oriente Médio.

A partir das respostas de Naila o roteiro foi sendo elaborado. A narrativa se construiu no início com questionamentos sobre preconceitos com os árabes, sua cultura diferenciada e como essa população veio para a região. Depois, Naila conta sobre suas vivências na Palestina, a guerra e os monumentos religiosos que se encontram em Jerusalém. Tratar sobre a guerra no Oriente Médio foi a parte mais aprofundada desse episódio, porque os conflitos já duram dezenas de anos e envolvem questões políticas, econômicas e religiosas. Além disso, nessa parte do podcast utilizei efeitos sonoros como barulhos de tiros, bombas e pessoas gritando para trazer a ambiência da guerra.

O episódio de Naila foi intitulado “Apesar da guerra” em referência a uma de suas falas na qual afirma que “apesar da guerra, é bom morar lá (Palestina)”. O podcast foi finalizado com 14 minutos e foi o primeiro a ter seu *card* divulgado no Facebook no dia 3 de dezembro de 2019. A foto utilizada representa a viagem de barco que o pai e o tio de Naila fizeram para vir ao Brasil em meados de 1930.

Imagem 04 – *Card* de divulgação episódio 1



Fonte: Podcast – Além da terra vermelha

O segundo episódio traz a história de Sérgio Ridoré, 37 anos, imigrante haitiano que morava em São Luiz Gonzaga e após a entrevista voltou para o Haiti. A entrevista foi realizada no dia 14 de setembro de 2019. Sérgio é casado com Charline, 37, os dois tem duas filhas Sergeline, de 13 anos, e Shaina, de 9 anos. Ele veio para o Brasil em 2013 e Charline veio um ano depois para trabalharem juntos e trazerem as filhas para o país. O relato de Sérgio é mais intimista tanto pelo caráter da história quanto pelo fato da narradora, Larissa, ser natural de São Luiz Gonzaga.

A narrativa traz desde situações cotidianas da cidade até o momento do terremoto no Haiti que levou Sérgio e outros tantos a migrar. O episódio traz o personagem como um trabalhador no Brasil, que faz parte do cenário de várias cidades gaúchas e não são algo externo à região. Os efeitos sonoros que utilizo fazem referência a objetos e móveis tremendo, típicos de cenas de terremotos, assim como músicas gaúchas e sertanejas para representar a chegada de Sérgio em São Luiz Gonzaga. O título ficou “Caminhos após o terremoto” retomando os diversos caminhos que se cruzam, como de Larissa com Sérgio, após a catástrofe. A imagem de promoção do episódio foi postada na página do projeto no Facebook no dia 4 de dezembro de 2019 e o episódio foi finalizado com 17 minutos.

Imagem 05 – *Card* de divulgação episódio 2

Fonte: Podcast – Além da terra vermelha

O terceiro e último episódio da temporada apresenta aos ouvintes o imigrante senegalês Abdoul Aziz, 30 anos. O personagem veio para o Brasil em 2013 e atualmente é dono da loja "Banca do Aziz", popularmente conhecida como Shopping do Aziz devido a quantidade de coisas que vende. A entrevista ocorreu no dia 25 de outubro de 2019 com duração de uma hora, Aziz contou todas as suas aventuras e desventuras até ficar popular em São Borja e montar sua loja.

O roteiro desse episódio se baseou em mostrar primeiro a popularidade de Aziz e depois voltar no tempo e contar todos os obstáculos que ele teve até se estabilizar. Para isso gravei o som ambiente da loja junto com as atendentes vendendo os produtos e também usei de trilhas sonoras do gênero hip hop para trazer a cena urbana de vendas e das cidades pelas quais ele

passou. Para trazer a essência das ações do personagem, a maior parte do roteiro deixou as falas de Aziz e com poucas da narradora, porque minha intenção era que as pessoas pudessem escutar do próprio personagem sobre suas aventuras e o tom que utilizava para isso. Aziz foi uma mistura de sentimentos, pois às vezes contava sobre situações de perigo rindo.

O título “Alma de mercador” remete ao talento de Aziz para vender, esta prática que aprendeu desde cedo com o pai e que hoje exerce na sua loja. Dos três, esse foi o episódio mais longo com quase 20 minutos por causa da quantidade de informações que o personagem forneceu. A publicação no Facebook sobre esse terceiro episódio ocorreu no dia 5 de dezembro de 2019.

Imagem 06 – *Card* de divulgação episódio 3

Fonte: Podcast – Além da terra vermelha

Todos os episódios contaram, no início e no fim, com a música “Que linda é a vida” composta por Ângelo Reale, em 1960, e interpretada pelos Irmãos Bertussi. A obra foi escolhida para ser minha identidade sonoro, pois lembra a região devido ao uso da gaita e remete às valsas que eram dançadas em 1960.

Eu sou um produto em constante crescimento e buscando um melhor desenvolvimento coloquei meu primeiro episódio a teste. A ideia de levar o episódio até as pessoas e conversar com elas sobre, além de responderem a um questionário, veio de uma das etapas da metodologia do *Design Thinking*[vii]. Levar a teste um protótipo significa apresentar o produto ao público direcionado, manter um contato com os consumidores.

Foi durante os meses de outubro, novembro e dezembro que fui testado por oito moradores da cidade de São Borja: duas mulheres e dois homens entre 20 e 30 anos; duas mulheres e dois homens entre 31 e 40 anos. Os participantes da pesquisa eram encontrados pessoalmente, escutavam o primeiro episódio “Apesar da guerra” e depois respondiam um questionário com oito perguntas de avaliação do podcast.
O formulário foi feito com a ferramenta *Google forms* para criação de formulários e permitiu que todas as respostas fossem colocadas em gráficos para uma melhor visualização. Contou com perguntas sobre a experiência que o ouvinte teve com o podcast, quais sensações despertou, o que mais gostou, se o podcast foi claro na entrega das informações.

Depois disso começou a etapa de distribuição e divulgação do podcast que ocorreu no dia 2 de dezembro de 2019 com a ida da Larissa até as rádios Cultura AM e Fronteira FM em São Borja. Ela gravou com a apresentadora Anelise Andres uma entrevista para ser reproduzida no programa Gente é Notícia. A gravação foi veiculada na manhã do dia 3 e pela tarde a Larissa participou ao vivo no programa A tarde é sua (AM), com Marcelo Vieira, e, às 18h, no programa

197 com o Anderson Gogo (FM). Todas as participações foram seguidas da reprodução de um *teaser* do podcast.

No mesmo dia, os três episódios foram lançados na página do Facebook com *link* para as duas plataformas: SoundCloud e Spotify. Ainda no dia 3 também foi publicado o primeiro *card* do episódio de Naila. O site do jornal impresso da cidade, Folha de São Borja, divulgou uma notícia sobre o lançamento.

No dia seguinte, 4 de dezembro, foi publicado o segundo *card* com o episódio "Caminhos após o terremoto" e também uma imagem comemorativa das 100 curtidas na página. E na quinta-feira, dia 5, o *card* postado foi do último episódio. Outra forma de divulgação foi o encaminhamento de informações sobre o projeto para veículos da região como a rádio Missioneira AM, em São Luiz Gonzaga e a Progresso AM, em Ijuí. O podcast também foi disponibilizado no aplicativo de podcast Apple podcasts e Google Podcast.

Qual meu resultado?

Depois da repercussão da primeira temporada, no primeiro semestre de 2020 realizei um episódio especial sobre Saúde Pública da Fronteira Oeste durante o cenário de pandemia do novo coronavírus no mundo. Em questão quantitativa, todos os episódios totalizaram 322 reproduções no Anchor. No Facebook alcancei 213 curtidas e também criei um perfil no Instagram em 2020 que até agora conta com 251 seguidores.

Para além disso, entre os resultados mais significativos estão as respostas na pesquisa de opinião feita via *Google Forms*. Muitas pessoas relataram a relevância que tenho na hora de informar por meio de uma narrativa interessante, isso demonstra que a inovação feita na linguagem pode contribuir para um melhor consumo de informação.

Nas justificativas do público que testou o protótipo, os termos informações, história e conteúdo foram as opções mais marcadas e as mesmas palavras aparecem como fatores de interesse para que possam continuar a ouvir os outros episódios. O roteiro também é citado e junto da informação, história e conteúdo como um dos aspectos mais apreciados. A sensação ao ouvir o podcast também é um diferencial, como podemos ver nesta resposta da pergunta "Qual sensação você teve ao ouvir o podcast?":

> "A sensação é de estar dentro da história ou em um bate-papo informal, mas recheado de informações e subsídios sobre a imigração, sobre a história pessoal do personagem e de seu país natal. Cabe destacar que os efeitos sonoros e a trilha privilegiam essa experiência em consonância com a utilização dos dados que preenchem o conteúdo e reforçam os argumentos contidos na história narrada"

Dentre os comentários nas redes sociais, um ouvinte compartilhou sua experiência ouvindo sobre sua região mesmo à distância.

> "Para nós andarilhos, que vivemos ao largo da Amazônia, este trabalho tem o efeito de um cisco no olho"

Com esses resultados podemos ter uma perspectiva otimista para continuar produzindo, pois tenho um alcance significativo a curto prazo e os comentários sobre o primeiro episódio indicam que a narrativa tende a trazer algo diferenciado ao informar na região. A ideia é que as histórias da região possam ser contadas aos poucos por meio de temporadas curtas, porém com a quantidade de cidades – 27 na região das Missões – é necessário pensar na sustentabilidade da produção. Também trabalho com a ideia de me tornar um modelo de negócio sustentável, buscando vender pautas para empresas maiores de comunicação. Como projeto, tenho como objetivo ter mais uma temporada e seguir com outras formas de divulgação com a produção de materiais como panfletos, cartazes e marcadores de página. O processo de identificação e criação de comunidade é um objetivo a longo prazo, portanto os

resultados de agora serão outros depois de meses e podem indicar caminhos e narrativas diferenciadas para contar histórias extraordinárias.

Notas de referência

[i] Autora do trabalho, jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa). E-mail: larissa.burchard@gmail.com
[ii] Orientadora do trabalho, jornalista, doutora em Comunicação e Informação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa). E-mail: sarafeitosa@unipampa.edu.br
[iii] PESSOA, M. L. (Org.). Regiões do RS. In: ___. Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: < http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/territorio/regioes-do-rs/ >. Acesso em: 1 de abril de 2019.
[iv] PINTO, Muriel. As micro identidades da Região das Missões Jesuítica-Guarani através da interpretação das paisagens culturais: uma dialética com as reflexões de Guy Di Méo. Revista do Departamento de Geografia – USP, [*S. l.*], 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rdg/article/download/52758/56613. Acesso em: 24 jun. 2019.
[v] SALAVERRÍA, Ramón. Mídia e jornalistas, um futuro em comum? Parágrafo, [*S.l.*], Jan/Jun 2015.
[vi] MACHADO, E. Creatividad e innovación en el periodismo digital. *In*: Actas II Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0. Bilbao: Universidad del País Basco. pp. 64-72, 2010.
[vii] CHAPLIN, Heather. Guide to Journalism and Design. Tow Center for Digital Journalism, [*S. l.*], p. 1-1, 13 Jul. 2016. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center_reports/guide_to_journalism_and_design.php. Acesso em: abril de 2019.